

Capoeiragem “entre mundos”: redes sociais, construção e distinção simbólica de práticas culturais transnacionais

Fabio Araújo Fernandes

Apresentação

A inconstância da alma que escapa aos modelos hegemônicos e que busca marcar uma diferença, de se perceber “no mundo” constituindo um lugar social de criatividade pela insistência de se conformar enquanto um filtro e não um tubo (HALL, 2003). Estes são elementos que movimentam e tencionam os seres humanos na busca de dar um sentido próprio às coisas e de se constituir enquanto sujeito mediado por esses sentidos. O malabarismo criativo que se esquivava, se apropria ou resiste às amarras de modelos e projetos homogeneizantes e que constantemente se reinventam de maneira cada vez mais ágil e fluida por entre os entre caminhos da contemporaneidade.

O trabalho aqui delineado visa apresentar, de maneira ainda ensaística e preliminar, uma convergência das experiências por mim vividas sobre e na capoeira em diálogo com um corpo teórico que pretende dar conta da transnacionalização da capoeira. Tal empreitada tem como base o projeto de pesquisa apresentado como proposta no curso de doutorado do programa de pós-graduação em antropologia social – PPGAS, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC¹.

¹ Agradeço aqui em especial a professora Dra. Sônia Weidner Maluf pela confiança e imprescindível tutoria e a professora Dra. Ilka Boaventura Leite pelas grandes contribuições.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Pretendemos levantar algumas questões sobre o lugar da capoeira transnacionalizada dentro das discussões de diáspora africana e afro-brasileira, observando-a enquanto uma prática cultural e artística cunhada nos e pelos próprios sujeitos. Sujeitos estes que em seus processos de composição, articulam combinações das mais variadas, díspares, contraditórias e efêmeras de elementos tanto sociais (referentes a pessoas suas relações), quanto culturais (que são os significados e formas significativas). O que lhes confere um caráter de diversidade, de dinamismo e de legitimidade cada vez maior na contemporaneidade.

Navegando entre os mares étnico-culturais do Atlântico Negro, potencializado pelo resgate da afro-brasilidade iniciada após 1970, a prática da capoeira migrada para a Europa vem desenhando zonas de interfluxos simbólicos transnacionais determinantes no processo de (re)adaptação e (re)construção dos praticantes de capoeira vindos do Brasil. Identificados aqui como sujeitos híbridos ou *halfies*, estes mestres e praticantes de capoeira são responsáveis pela constituição de estilos de criatividade diferenciadas para cada conjuntura ou contexto chamado por Bhabha (2007) de *“in between”*. São espaços intersticiais por onde estes sujeitos tramitam estabelecendo redes de relacionamento sociais e políticas apoiadas em estruturas discursivas que articulam diferentes modos de tradicionalidades e ancestralidades a fim de legitimá-los e diferenciá-los.

Entendemos que tal fato fortalece a importância dos fundamentos e regras voltadas à performance e a própria estética corporal dos grupos de capoeira e suas formas de praticar esta arte-luta. Esses mestres de capoeira se estabelecem e ocupam lugares de legitimidade de maneira isolada ou através dos grupos de capoeira, demarcando suas diferenças, edificando múltiplas identidades. A capoeira enquanto uma manifestação cultural e artística transnacionalizada acontece no cotidiano e nas diversas estratégias de ação destes sujeitos que por sua prática colocam em tensão todas estas forças.

Diáspora, Fluxos e Migrações

Falar de diáspora é falar das várias representações do pertencimento e, portanto, de identidades. Um projeto político de reposicionamento do sujeito através do jogo das aparências e experiências que estes possuem ou adquirem em seus percursos diaspóricos. A fragilização do que Gilroy (2001) denomina de mecânica cultural do pertencimento causado pela diáspora, oferece à estes sujeitos um lugar “entre mundos” de onde exclusivas redes de relações são estabelecidas e que lhes oferecem contextos bastantes singulares.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

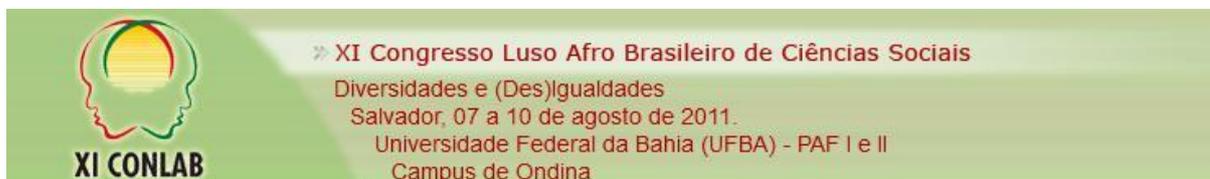
Campus de Ondina

Todo este fluxo proporcionado pela diáspora remete à conformação de diversas temporalidades, dimensões, alcances e densidades, por entre redes transnacionais ou “zonas intersticiais” (KEARNEY, 1995) de onde estes sujeitos híbridos vão ganhando contornos e se coletivizando. Nos grandes centros urbanos da Europa, a convergência de várias culturas, antes localizadas nas nações “periféricas”, e o processo de globalização sofrido, principalmente por estas grandes cidades, reflete uma realidade social complexa e diversificada. A chamada “periferização do centro” oportunizada pela “nova migração” após a década de 1950 (KEARNEY, 1995) colocaram novas questões dos estudos de antropologia urbana sobre migração e transnacionalismo. As grandes metrópoles ocidentais como Nova York, Londres, Paris e Berlim começam a receber milhares de imigrantes em sua maioria ilegais e refugiados. O intercâmbio, inicialmente entendido como meramente econômico, mostra sua complexidade ao emergir, concomitantemente, aspectos culturais, políticos e sociais.

Para inserir a capoeira neste contexto é necessário antes que escolhamos um caminho discursivo e teórico para tal empreitada. Discursivo, por perceber a necessidade de se configurar, na névoa de teorias e histórias sobre as tradições da capoeira, uma direção que possa dar conta das questões voltadas aos modos e estilos de subjetivação dos praticantes de capoeira e suas estratégias de legitimação levando-se em conta a situação transnacionalizada e de “entre mundos”. No que se refere à teoria, esboçamos aqui um olhar em perspectiva pelo qual possamos manter o foco nos fluxos e agências criativas dos sujeitos sem perder de vista as questões de poder mais amplas que atuam sobre estes sujeitos.

Começamos então em solo brasileiro onde o “mito de origem” da capoeira ecoa como uma forma de resistência criativa mediante a relação de opressão cultural à escravidão, da necessidade de sobrevivência do escravo negro do período colonial. Ou seja, a capoeira é fruto das experiências de inserção do negro africano em uma diferente forma social baseada na escravidão. Fundada como um saber transmitido pela oralidade e pela observação acaba se posicionando em um lugar de conhecimento “não formal” dificultando que esta arte consiga ser percebida como um capital simbólico de valor econômico e social no Brasil.

Percebe-se claramente então o grande êxodo de profissionais desta modalidade que se lançam principalmente na Europa em busca de mudanças de perspectivas sociais e econômicas (ACETI, 2009). Tal situação “entre mundos” oferece a este sujeito desterritorializado, uma dupla disponibilidade situacional. Primeiramente, dá a validade e



originalidade internacional de um artista híbrido, promotor de uma arte que se coloca no nível intermediário da subjetividade e que na contemporaneidade se acomoda em um lugar essencializado de legítima “fronteiridade” (PEFFER, 2007). Em segundo, oferece uma maior flexibilidade ao se despojar de uma sobrecarga social, cultural e política homogeneizante, ganhando maior liberdade de movimento.

Tomaremos, portanto como base dois momentos importantes no que se refere a mobilidade e transnacionalidade da capoeira. O primeiro momento diz respeito ao grande fluxo migratório de capoeiras brasileiro para o exterior que se inicia na década de 1970, década que marca o fim da ideologia da mestiçagem nacionalista e a reintrodução do conceito de raça e etnia no debate político brasileiro (COSTA, 2001). Em uma segunda instância, após a década de 1990, a capoeira consegue se estabelecer enquanto uma prática cultural transnacionalizada com “uma visão mais estratégica, de conquista de mercado” (VIEIRA; ASSUNCAO, 2009).

Neste sentido podemos interpretar a segunda onda de migrações de capoeiras a partir da década de 1990 dentro de um processo de diáspora, de uma autodissolução metafísica, que possibilitou e possibilita a esses sujeitos múltiplas formas de auto-recomposição ou representação. Uma espécie de autodefesa ou preservação, diante da homogeneização e do desfavorecimento econômico e social, reivindicada e legitimada por uma ancestralidade africana ou afro-brasileira que coloca em tensão questões voltadas a originalidade e autenticidade de suas práticas culturais e artísticas. A africanidade ou afro-brasilidade despontam como as grandes metáforas da capoeira transnacionalizada, de referências de cunho simbólico, só alcançado em uma dimensão mitológica ou metafísica. Nas palavras de Stuart Hall “a África é o significativo, a metáfora, para aquela dimensão de nossa sociedade e história que foi maciçamente suprimida, sistematicamente desonrada e incessantemente negada” (HALL, 2003; p. 41).

A criação destes fluxos migratórios da capoeira gera divisas através da divulgação da cultura afro-brasileira e da língua portuguesa em todo mundo (BRASIL, 2004) podendo ser vista como um processo de “brasilização²” do centro ou de um “imperialismo cultural reverso” (KEARNEY, 1995). A língua portuguesa poderia ser aqui então o que Bourdieu (1996) conceitua de “língua legítima” desta prática, sendo um elemento importante na

² Utilizado aqui aos moldes da idéia de “indianização” ou “japonização” utilizados por Appadurai para denominar as influências culturais que alguns centros urbanos sofrem com os fluxos migratórios reflexos da globalização



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

configuração das estruturas hierárquicas destes grupos. Em vários eventos de capoeira ocorridos na Holanda, Alemanha e França pude presenciar o recorrente esforço dos alunos de aprenderem o português. Uma espécie de *status* que é adquirido e que oferece um lugar de destaque junto ao grupo e maior intimidade com os mestres e professores tanto dentro como fora do ambiente das aulas, pois muitas das vezes esses alunos se tornam “tradutores” ou ajudantes nas aulas.

O Sujeito “Entre Mundos” e o Transnacionalismo

De acordo com os teóricos do pós-colonialismo, é a partir do período colonial e escravista que se instaura uma cultura global baseada em princípios bipolares representantes da relação de dominação econômica e política dos países colonizadores em detrimento dos países colonizados. Referências tais como “centro/periferia”, “ocidental/oriental”, “tradicional/moderno” disseminaram assim a nível mundial valores que seriam o alicerce do chamado modernismo. Said (1990) afirma que a lógica intrínseca na antropologia de então instituiu que os “outros”, não ocidentais, não podem se representar, porque “eles” não conseguem separar o objeto do sujeito. Será que podem os subalternos falar? Com esta pergunta Spivak (1988) traz a tona o campo de disputas simbólicas e de narrativa que coloca em um não lugar as experiências e conhecimentos não ocidentais, constituindo assim um “outro” que é condensado e explicado por um quadro referencial ocidental.

A percepção de Lila Abu-Lughod (1991) para com a possibilidade de deslocamento das fronteiras entre o “eu” e o “outro” proporcionadas pelas feministas e pelos *halfies*³ traz a tona a importância das possibilidades analíticas do “entre mundos”. Para a autora, o “outro” é uma complexa construção político-histórica ontologizada pela prática antropológica e que ainda mantém suas bases sólidas diante, tanto da posição distanciada que deve estar separada dos “outros”, quanto da audiência de quando o antropólogo ao falar do “outro”, acaba falando de si mesmos e, por fim, da relação de poder que se institui entre o “eu” e o “outro”.

A necessidade destes grupos de dialogar com vários segmentos, por vezes antagônicos no caso das feministas e dos antropólogos, fazem de suas experiências elementos ricos para uma problematização mais acurada. Da mesma forma, mestres, professores e praticantes da capoeira podem ser categorizados como *halfies* ou híbridos que tramitam em uma conjuntura

³ Pessoas cuja identidade nacional ou cultural é misturada em virtude da migração, da educação no exterior ou de parentesco



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

transnacionalizada. No entanto, é preciso antes que façamos algumas considerações sobre o surgimento das idéias nacionalistas para podermos então abordar a transnacionalidade e suas principais questões norteadoras.

A noção de nacionalidade ou nação surge com a industrialização e com o processo de expansão do capitalismo. Aliado ao processo de bipolarização já acima mencionado entre colonizados e colonizadores, cria-se os alicerces do que foi denominado “modernismo”. É produzido, neste contexto a ideologia dos Estados-nação na Europa, que seriam as objetificações sócio-culturais destas relações bipolarizadas que, atrelado à uma predominância do economicismo resultante da revolução industrial, serviria como uma reserva de mercado geradora de homogeneidades culturais identitárias. Cria-se assim um cenário global baseado nas relações econômicas entre nações tidas como homogêneas e com limites geopolíticos bem delimitados e de vigiadas fronteiras.

Porém, a complexificação da economia global defendida por Appadurai (1994), aliado a novas tecnologias de comunicação, deslocaram as atenções tanto da antropologia quanto das outras áreas para espaços mais globais. O termo globalização emerge então do questionamento da idéia de fronteiras rigidamente definidas tentando dar conta de um espaço global multidimensional de fronteiras descontínuas e interpenetradas. As chamadas por Kearney (1995) de “implosões da periferia para o centro” tiveram as migrações transnacionais como um importante exemplo do borramento das fronteiras nacionais, tanto nos aspectos econômicos, quanto políticos e culturais.

As experiências de deslocamento e mobilidades dos capoeiras, principalmente na década de 1990, representou a sua adesão ao mundo globalizado, se posicionando enquanto bem cultural transnacional. Para tal fora utilizado uma forte retórica discursiva baseada em questões étnicas que reivindicam uma afro-brasilidade nacionalista no exterior e que veio ao encontro de um intenso mercado étnico-cultural africano implementado na Europa desde o processo de descolonização da África. O jogo de diferenças e semelhanças então se emancipa das identificações nacionais para uma dimensão fluida e dinâmica de fluxos e redes transnacionais.

A capoeira enquanto prática cultural transnacionalizada pode ser entendida como um evento ocasionado por agências que, pelo seu caráter liminar e diacrônico, resultam e são influenciadas por diferentes historicidades e significados culturais, simbólicos e políticos. Através das zonas de liminaridade, constituída através dos fluxos migratórios, são



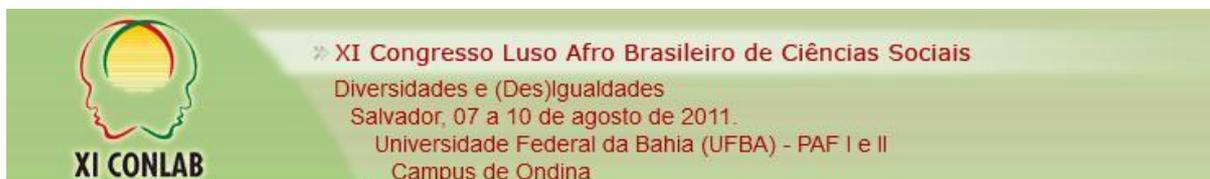
» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

constituídos sujeitos que dialogam ao mesmo tempo com diversos contextos e regras. Podemos associar aqui a idéia convergente de alguns autores (DUBOIS, 1999; GILROY, 2001; HALL, 2003; MBEMBE, 2001) ao defender a idéia da formação de um sujeito fissurado e de múltiplas identidades, resultado de suas experiências intersticiais “entre mundos” que surgem dentro do processo diaspórico colonial e escravista. Identifica-se, portanto, a agência reativa e inventiva que esses sujeitos deslocados produzem na criação de suas múltiplas identidades, além do reconhecimento e compartilhamento destas experiências de modo a configurar coletividades.

Neste sentido, uma referência importante é a proposta do corpo como fonte da experiência defendida por Csordas (1999), pois a capoeira é uma arte inscrita no e pelo corpo. Através do exercício de sua prática é que o capoeira se faz entender. Por sua corporeidade e suas técnicas de reprodução e adaptação corporal é que se pode perceber suas mais delineadas distinções. O corpo seria aqui, portanto um princípio metodológico, por onde pode ser visualizado e captado a cultura e seus quadros referenciais em seus próprios termos. Csordas (1999), percebe em Merleau-Ponty e Bourdieu o caminho teórico metodológico para se superar respectivamente as dicotomias sujeito-objeto (através da noção de pré-objetivo) e estrutura-prática (através da idéia de *habitus*) aonde a corporeidade seria o princípio em comum para tal superação.

O conceito de *habitus* de Bourdieu e Passeron (1982) ajuda a entender a forma em que os mestres e praticantes de capoeira se inserem de modo particular em cada sistema simbólico levando-se em conta sua posição na estrutura hierárquica e como a mobilidade por entre vários sistemas simbólicos vai possibilitando um melhor posicionamento hierárquico destes sujeitos. De acordo com os autores, *habitus* seria como o estado incorporado em um indivíduo ou grupo de um sistema de disposições relacionado à estrutura social na qual estes sujeitos fazem parte. Em segundo, a noção de pré-objetivo de Merleau-Ponty aonde a experiência da percepção seria um ponto de partida necessário para um momento posterior de objetivação, algo que fosse nortear e dar sentido a essas experiências tendo como ponto de partida o corpo e suas corporificações. O corpo na capoeira então seria o ponto de partida por onde as sensações e percepções do estar “entre mundos” ganham significados, deslocando o foco dos objetos para a problematização do corpo.

O Corpo que Fala: Tradição, Ritualidade e Performance

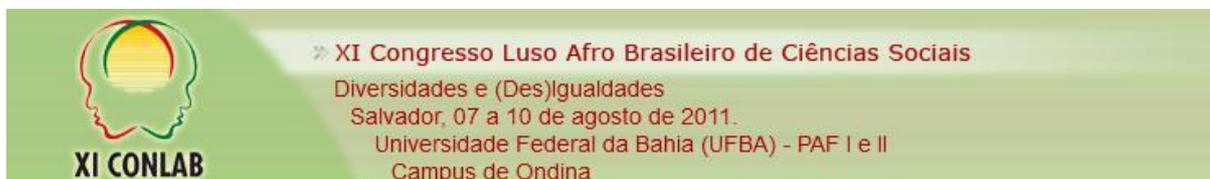


De agosto à outubro de 2010 aconteceram três encontros regionais de capoeiras organizados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN que inseriram um novo campo de disputas no cenário da capoeira. O processo de salvaguarda reuniu cerca de 200 mestres de capoeira de vários cantos do Brasil com a finalidade de gerar algumas demandas do segmento que ajudassem o IPHAN a dar sequência neste projeto. Como a lógica destes encontros era baseada em apresentações de propostas, a questão discursiva e performática trouxe a diversidade que a capoeira contempla em si.

A riqueza de informações ali emergentes, contudo continha duas questões centrais que permeavam todos os embates lá travados. Como toda manifestação artística, a reincidência do debate sobre a tradicionalidade e originalidade sempre voltavam à pauta, porém em constante diálogo com elementos transnacionais como a inclusão da capoeira enquanto esporte olímpico. Mesmo não sendo esta a finalidade das reuniões do IPHAN que tinha como foco o levantamento das demandas sem questionamento ou confrontação destas demandas umas com as outras. Acusações, alianças e claras discordâncias circulavam aos mais variados temas como profissionalização, fomento, educação e desporto. A toda hora era necessária a interpelação da organização do evento para que se voltasse ao assunto em pauta, já que se estava iniciando novamente debates sobre qual seria a verdadeira capoeira ou a capoeira mais autêntica.

O debate sobre a tradicionalidade ou ancestralidade traz à tona um campo de poder simbólico e discursivo cada vez mais dinâmico e fluido por sua tensa e imbricada relação com aspectos cosmopolitas. Utilizando da noção de “panóptico” de Foucault (1987) podemos anunciar aqui um “panóptico da tradição” que instaura uma espécie de pré-cobrança. Portanto, a questão a ser posta não seria de ter ou não tradição e sim o significado incorporado do que é tradição para cada grupo ou indivíduo. Nestes termos, as relações de tempo e espaço se apresentam como elementos importantes nas construções deste conceito, pois no Brasil a compressão do espaço/tempo instauradas pelos interfluxos transnacionais, aliada à manipulação simbólica dessas diferentes espacialidades e temporalidades, refletem de maneira contundente as estratégias políticas de retomada do conceito de raça e etnia no Brasil (COSTA, 2001).

No exemplo acima, a organização dos discursos sobre tradicionalidade, etnicidade e cosmopolitismo está entrelaçada com suas práticas corporais e ritualidades. Atualmente existem três grandes modelos discursivos que representam diferentes combinações de



elementos retóricos e estéticos que se diferenciam e são percebidos pelos praticantes de capoeira em todo mundo, a saber, os estilos Regional, Angola e Contemporâneo. Cada um, ao longo do tempo e em diferentes espacialidades, desenvolveu historicidades que em vezes se aproximam e em outros se distanciam entre si em suas práticas, discursos e predisposições, sinalizando assim um interessante campo político-ideológico que cada vez mais ganha intensidade e visibilidade.

Historicidades que se apóiam em metadiscursos mais ou menos estáveis, porém complexos, múltiplos e controversos quando postas em prática, reflexo do que Harvey (1992) denominou de compressão do espaço/tempo gerado pela globalização. Podemos também entender estes metadiscursos como “culturas” (CUNHA, 2009) que cada vertente da capoeira historicamente desenvolve. As velocidades e mobilidades em escala mundial produzem contextos cada vez mais dinâmicos e de constante mudança em suas relações e significados. No entanto, mesmo cada estilo possuindo características próprias de ritualidades e significados, ainda conservam alguns pontos em comum, pois a grande maioria de seus praticantes ainda se reconhece como capoeiras. Neste caso podemos pensar em uma cosmologia englobante entre as três vertentes que conseguem em um domínio simbólico contê-las compartilhando um conjunto de categorias referenciais comuns.

Ainda através da perspectiva simbólica, a capoeira será igualmente entendida enquanto prática cultural ritualizada que, como tal, é composta ao mesmo tempo por um sistema de comunicação simbólico, e por elementos contextuais únicos que dão a cada evento uma conotação diferenciada baseada nos significados que lhes são atribuídos por seus praticantes. Assim, a capoeira, enquanto ritual performático, pode se apresentar tanto como uma forma de ação social (TURNER, 1974 apud PEIRANO, 2003) quanto uma forma de transmissão de conhecimentos socialmente adquirido (LEACH, 1972 apud PEIRANO, 2003).

Essa relação entre forma e conteúdo do ritual acaba gerando no tempo e no espaço novas identidades, podendo, segundo Peirano (2003), a cada experiência ritual, privilegiar mais os ritos ou práticas, enquanto outras podem dar mais ênfase aos mitos ou representações. Por consequência, a expressão performática da capoeira, enquanto ritual, se apresenta também revelador pelos seus variados meios de comunicação, como os toques rítmicos, as letras das músicas e a corporeidade (MAUSS, 1974; SILVA, 2003; TAVARES, 2006). Nas palavras de Peirano:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

[...] rituais servem para resolver conflitos ou diminuir rivalidades (como queria Turner) e, *ao mesmo tempo*, para transmitir conhecimento (como defendia Leach). Rituais são adequados para realizar essas funções aparentemente diversas, porque são *performativos*. (PEIRANO, 2003, p. 40).

A performance se apresenta então com um importante elemento de distinção entre os grupos de capoeira a serem estudados, suas regras e contextos, peculiaridades e similaridades, suas influências locais e internacionais em contraponto com o nível de preservação dos seus signos e símbolos mais tradicionais. Desta maneira, é importante considerar o processo de adaptação da capoeira a novos materiais e meios, quando transposto a um novo contexto. Tal processo faz com que a capoeira ganhe novas características e significados, a depender das estruturas sociais e da maneira como é negociada e tensionada a sua inserção.

Considerações Finais

A capoeira se posiciona, dentro de um contexto diaspórico transnacional, como um capital simbólico e cultural diversificado em seus aspectos temporal e espacial. Temporal por representar um lugar de tensão entre o tradicional e o moderno (CANCLINI, 1998), e espacial por estar em zonas intersticiais, onde o local interage com o estrangeiro (DITHMER, 2007). No entanto, as diversidades e contradições desta arte possuem algumas características discursivas englobantes, como a reivindicação de uma tradicionalidade e uma ancestralidade africana ou afro-brasileira, que cria no “entre mundos” da transnacionalidade, uma cosmologia particular. Aliado os aspectos imateriais e materiais como a figura do mestre de capoeira, representação do panóptico da tradição e que é incorporado pelos sujeitos e por fim a expressão da roda de capoeira, a importância e comando do berimbau confluem para um ponto de convergência destes metadisursos da capoeira.

Uma “cultura” que, na prática, se mostra diversa pelos contextos e redes de relações a qual se filia e que dentro de uma conjuntura “entrefluxos” produz grande mobilidade entre convenção e invenção dando maior fluidez a seus discursos retóricos, estéticos e performáticos. Assim, ela se difunde na Europa como uma prática cultural afro-brasileira e seus praticantes tidos como “guardiões de uma tradição” construindo fora do Brasil um afro-Brasil (FERREIRA, 2008, p.68). Ela traz consigo também uma contradição ou paradoxo por ter sido utilizada dentro de um discurso modernista como um símbolo nacional de brasilidade nos anos de 1930, assim como um produto cultural de exportação, praticada por indivíduos de todo mundo principalmente após a década de 1970 (ASSUNCAO, 2008, p.37).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Organizados em grupos locais, nacionais e transnacionais, os grupos de capoeira constituem um campo cada vez mais complexo e diversificado de marcação de diferenças que vão desde questões de estéticas corporais e performance até as construções discursivas de tradicionalidade e ancestralidade. No entanto tais construções constituem um campo altamente flexível de poder, sendo atravessados principalmente por questões voltadas ao jogo de legitimidade que é permanentemente negociado entre os vários espaços percorridos que a situação “entre mundos” disponibiliza.

Referências Bibliográficas

- ABU-LUGHOD, L. *Writing Against Culture*. In: RICHARD, G. F (ed). *Recapituling Anthropology Working in the Present*. Santa Fe: School of American Research Press, 1991: 137-154.
- ABREU, F. J. de. *"Bimba é bamba": a capoeira no ringue*. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.
- ACETI, M. *The globalization process of the profession of capoeirista: intercultural exchanges and social inequalities*. Laboratory of Anthropology and Sociology, University of Franche-Comté, France. Disponível em <www2.unine.ch/webdav/site/inequality08/shared/documents> Acesso em fevereiro de 2009.
- AGAR, M. H. *The Professional Stranger: An Informal Introduction to Ethnography*. New York, Academic Press.1980.
- ALMEIDA, R. C. A. de (Itapoã). *A saga do Mestre Bimba*. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994.
- APPADURAI. A. *"Disjunção e diferença na economia cultural global"*. In: Mike Featherstone (org.). *Cultura global*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 311-327.
- ASAD, T. *Anthropology and the Colonial Encounter*. New York: Humanities, 1973.
- ASSUNCAO, M. Da “Destreza do Mestiço” à “Ginástica Nacional”: narrativas nacionalistas sobre a capoeira. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. Niterói: EdUFF, n. 24, p. 19-40, 1. sem. 2008.



BHABHA, H et. Al. Ética e Estética do Globalismo: uma perspectiva pós-colonial. In: *A Urgência da Teoria*. Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

BOTELHO, I. Dimensões da cultura e políticas públicas. *Perspectiva*. São Paulo v.15 n.2 Abr./Jun, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRASIL, Ministério da Cultura. *Mandinga em Manhatam*. Brasília: Secretaria do Áudio-Visual, 2004. (Digital Vídeo Disc – DVD).

CANCLINI, N.G. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários - etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **13**(1): 143-158, maio de 2001.

CREWE, E.; HARRISON, E. Seeing culture as a barrier. In: EDELMAN, A.; HAUGERUD, A. (Ed). *The Anthropology of development and globalization: from classical political economy to contemporary neoliberalism*. Oxford: Blackwell, 2005. p. 232-234.

CSORDAS, Thomas. A corporeidade como um paradigma para a antropologia. In: *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008, p. 101-145.

CUNHA, M. C. da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DITHMER, L. *Fremde Kulturen sind bunt: Die Inszenierung des Umgangs mit Interkulturalität am Beispiel des "Karnevals der Kulturen" in Berlin*. Frankfurt/Oder: Grin, Verlag für akademische Texte, 2007.

DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ERGEZ, B; PIETSCH, K. *Performativität der Identitäten im HipHop*. GRIN Verlag, 2003.

FABIAN, J. *The Time and the Other: how anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press, 1983

FERNANDES, F. A. *A capoeiragem amazônica: políticas públicas e sustentabilidade cultural em Belém*. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA, 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____; MALHEIRO, B. C. *A Capoeiragem Amazônica*: a experiência social de mestres e praticantes da capoeira em Belém. Bahia: Fundação Gregório de Mattos, 2009.

FERREIRA, D. G. da S. Adaptação em movimento: o processo de “transnacionalização” da capoeira na França. *Antropolítica*: Revista Contemporânea de Antropologia. Niterói: EdUFF, n. 24, p. 63-85, 1. sem. 2008.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIELKE, N. *Fremd im eigenen Land?* Diskursanalytische Untersuchung von Raptexten im Hinblick auf die Identität junger Migranten in Deutschland. Frankfurt/Oder: Grin, Verlag für akademische Texte, 2008.

GILROY, P. *O Atlântico Negro*: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. Fórum – Sociologia Econômica. *RAE-eletrônica*, v. 6, n. 1, Art. 9, jan./jun. 2007.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? IN: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Revista Mana*, Estudos de Antropologia Social, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

HARVEY, D. *Condição pós – moderna* : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo : Edições Loyola, 1992

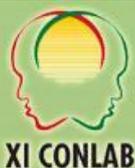
HEAD, S. C. *Imagens parciais*: uma luta dançada entre dois tempos. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro, BA. Anais da RBA 2008 (CD), 2008

IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

KEARNEY, M. The Local and the Global: the Anthropology of Globalization and Transnationalism. *Annual Review of Anthropology*, 1995 24: 547-65.

KOTTACK, C. Swimming in Cross-Cultural Currents. In: HESS, D. J & DAMATA, R. *The Brazilian Puzzle*: culture on the borderlands of the Western World. New York: Columbia Un. Press, 1995.

LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*: ensaios sobre antropologia simétrica. São Paulo: editora 34, 1994.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

LEAL, L. A. P. *Deixa a política da capoeiragem gritar: capoeiras e discursos de vadiagem no Pará republicano (1888-1906)*. Bahia: Departamento de História da UFBA, 2002.

LEACH, Edmund. *"Ritual"*. International Encyclopedia of Social Sciences. Vol. 13/14 The Macmillan Company, Free Press, New York, 1972.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Cia Edit. Nacional, 1976.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, Anpocs/Edusc, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAUSS, M. As técnicas corporais: a noção de pessoa. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. v. 2.

MBEMBE, A. *"Formas Africanas da Escrita de Si"*, 2001 .artigos (online), disponível em: www.artafrica.info

OLIVEIRA, V. de. *Frevo capoeira e passo*. 2. ed. Recife: Cia Ed de Pernambuco, 1985.

PEFFER, J. Notes on African Art, History, and Diasporas Within. *African Arts*. California, v. 38 n. 4, pp. 70-77, Winter 2005. Disponível em: < <http://vnweb.hwwilsonweb.com> >, acessado em: 20 Abril 2007.

PEIRANO, M. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PENTEADO JUNIOR, W. R. *A Arte de disciplinar: jogando capoeira em projetos sócio-educacionais*, 06/2008, Monografia. Disponível em <http://www.antropologiavirtual.com.br>. Acessado em outubro de 2009.

PIMENTEL, G. Alemanha vira capital da Capoeira na Europa. *Tópico: cadernos Brasil-Alemanha*. V.4, p. 32, 2000.

PIRES, A. L. C. S. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. São Paulo: Departamento de História da UNICAMP, 1996.

REGO, W. *Capoeira Angola: um ensaio sócio - etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, L. V. *O mundo de pernas pro ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

RODRIGUES, C. *Sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano em Belém-Pará*. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 12, 2007: Belém, PA. *Anais ...XII Encontro da ANPUR*, Belém, PA: NAEA/UFPA, 2007.

SALEH, T. Capoeira Atraí Libaneses em Beirute. BBC Brasil, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- SALLES, V. *A defesa pessoal do negro: a capoeira no Pará*. Brasília: Micro-edição do autor, 1994.
- SANTOS, M. *A Natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o ocidente como invenção do oriente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- SILVA, J. M. F. da. *A linguagem do corpo na capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
- SILVA, V. G. da (org.). *Artes do corpo*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.
- SIMONIAN, L. T. L. *Uma relação que se amplia: Fotografia e Ciência sobre e na Amazônia*. Paper nº 196, Belém NAEA/UFPA, 2006.
- SOARES, C. E. L. *No Labirinto das Nações: Africanos e identidades no Rio de Janeiro, século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- SPIVAK, G. *Quem reivindica alteridade?* In: HOLLANDA, H. B. Tendências e impasses. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 187-205.
- _____. "Can the Subaltern Speak?" In C. Nelson, L. Grossberg (eds.), *Marxism and the Interpretation of Culture*, Basingstoke, 1988. p. 271-313.
- TAVARES, L. C. *O corpo que ginga, joga e luta: a corporeidade na capoeira*. Bahia, edição do autor, 2006.
- TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M.R. Os desafios contemporâneos da capoeira. Revista Textos do Brasil, Ministério das Relações Exteriores, v.14, p.9-19, 2009.
- WAGNER, R. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.